



Ano 1 - Edição 1
Dezembro/2007

ATIVOS de grãos



FERTILIZANTES E GLIFOSATO SOBEM MAIS DE 30% NA SAFRA 2007/2008

Os reajustes de fertilizantes e glifosato da safra de soja 2006/2007 para a 2007/2008, no Centro-Oeste, ultrapassaram a casa de 30% em apenas um ano. Mas, itens como inseticidas, fungicidas e alguns herbicidas estão mais baratos que na safra anterior. No balanço dos custos operacionais, o produtor deverá gastar um pouco mais que na safra passada.

O Custo Operacional está orçado em R\$ 1.009,80 o hectare, para Sorriso (MT); ficando em R\$ 1.004,40 o hectare para Lucas do Rio Verde; e em R\$ 1.057,50/hectare, em Campo Novo do Parecis. Para o produtor de Primavera do Leste, o gasto será de R\$ 951,60 o hectare e, para o de Rondonópolis, de R\$ 997,30 o hectare. Em Goiás, na região de Rio Verde, o custo operacional está estimado em R\$ 1.114,97/hectare e, para

Cristalina, em R\$ 1.033,96/hectare. Em Mato Grosso do Sul, a soja convencional está orçada em R\$ 1.015,77/hectare, na região de Maracaju, e em R\$ 969,44/hectare, em Caarapó.

O adubo básico para plantio de soja no Mato Grosso ficou, em média, 32% mais caro. Em Mato Grosso do Sul, o salto foi de 30% e, em Goiás, de 28%. Nas cinco regiões pesquisadas do Mato Grosso, o preço médio da tonelada dos adubos 00-18-18 e 02-20-20 (NPK) para plantio da soja passou de R\$ 548,80 para R\$ 723,60.

Quanto ao glifosato, o valor pago no Centro-Oeste está, em média, 40,2% mais alto. Em Mato Grosso, a variação foi de 39,7%, em Mato Grosso do Sul de 46,2% e, em Goiás, de 35%. No caso do herbicida para a pós-emergência de folha

larga está mais barato. Em Mato Grosso e Goiás, o tratamento com Clorimuron custou, em média, 20% menos que o despendido na safra 2006/2007, amenizando em parte a forte alta do glifosato.

As principais reduções de preços de fungicidas ocorridas em Goiás ficaram em 23%, em relação à safra passada. Em Mato Grosso, a diminuição foi de 22% e, em Mato Grosso do Sul, de 19,1%. Os recuos dos inseticidas foram menores, entre 5%, em Mato Grosso do Sul, e 12%, em Mato Grosso. Para o controle de ferrugem asiática, o fungicida tebuconazole teve diminuição média de 11%, em Mato Grosso, e 12%, em Goiás.

Custo operacional da soja convencional nas safras 2006/07 e 2007/08 - GO, MS e MT

Itens de custo	Rio Verde (GO) - R\$/ha			Sorriso (MT) - R\$/ha			Maracaju (MS) - R\$/ha		
	2006/2007	2007/2008*	Var (%)	2006/2007	2007/2008*	Var (%)	2006/2007	2007/2008*	Var (%)
Operações	210,89	210,89	0,00	107,54	106,53	-0,94	113,53	119,12	4,92
Mão de obra	58,23	58,23	0,00	35,48	35,48	0,00	25,55	26,82	4,97
Sementes	84,00	77,00	-8,33	55,90	47,52	-14,99	42,00	42,00	0,00
Fertilizantes	303,50	381,00	25,54	285,09	393,14	37,90	223,94	287,94	28,58
Defensivos	286,16	260,00	-9,14	233,46	215,44	-7,72	359,92	318,05	-11,63
Transporte e Armazenagem	62,10	62,10	0,00	78,89	83,97	6,44	90,00	90,00	0,00
Seguro	14,65	14,65	0,00	6,39	6,66	4,23	7,62	7,84	2,89
Demais itens de custo	130,36	135,17	3,69	117,02	121,12	3,50	121,85	125,19	2,74
Custo Operacional Efetivo	1.149,89	1.199,04	-	919,77	1.009,86	-	984,40	1.016,95	-

Fonte: CNA/CEPEA

Observação: Os dados relativos à Safra 2007/2008 referem-se a estimativas baseadas nos coeficientes técnicos da safra passada, mantendo-se os preços não disponíveis para este exercício.

RELAÇÃO DE TROCA CONFIRMA PERDA DO PODER DE COMPRA



Um dos indicadores mais utilizados pelos produtores para analisar a evolução do seu poder de compra é a relação de troca. No caso da soja, por exemplo, coloca-se como numerador o valor recebido pelo produto na região e, no denominador, o preço efetivamente pago por um insumo. O resultado de cada divisão incorpora, portanto, as reais variações dos preços recebidos e pagos.

Ainda no caso da soja, o poder de compra dos agricultores do Centro-Oeste em relação ao glifosato comprova que, nesta safra, os produtores de Caarapó, no Mato Grosso do Sul, sofreram o maior impacto. Na safra passada, no entanto, esses mesmos produtores tiveram a melhor relação de troca de soja pelo insumo. Foi preciso o equivalente a apenas 0,27 saca de soja (16,2 kg) para a compra de um litro de glifosato. Este ano, porém, os

agricultores gastaram 60% a mais de soja, ou 0,43 saca (25,5 kg) por litro do insumo. Entre as nove regiões analisadas, Rio Verde (GO), Maracaju (MS) e Lucas do Rio Verde (MT) são as que apresentaram as menores perdas de poder de compra frente ao glifosato. Ainda assim, tiveram redução de um terço no poder de compra da safra 2006/2007 para a 2007/08.

No caso dos fertilizantes, as duas regiões que tiveram as menores perdas de poder de compra, embora ainda consideráveis, foram Sorriso (MT) e Rio Verde (GO). Nos dois casos, foram necessários 27% a mais de soja para a compra de uma tonelada de adubo básico (00-18-18 ou 02-20-20-NPK) que no ano anterior.

As outras sete regiões desta análise estiveram em situação ainda mais crítica. Em Rondonópolis e Primavera do Leste, no Mato Grosso, por exemplo, a redução

do poder de compra da soja frente a fertilizantes foi de 34%. Para comprar uma tonelada de adubo foram necessárias, neste ano, 31,94 sacas de soja em Rondonópolis e 26,43 em Primavera do Leste. Na safra passada, bastaram 23,85 e 21,92 sacas por tonelada, respectivamente.

Se a comparação levar em consideração o número de hectares de soja necessário para a compra de adubo, verifica-se que, em Campo Novo do Parecis, seria preciso o equivalente a 75% da produção em um hectare para a compra de uma tonelada de adubo, o suficiente para cerca de quatro hectares. Considera-se, para este cálculo, uma produtividade de 50 sacas por hectare. Em Sorriso (MT), seria comprometida a produção de 71% de um hectare para a mesma aquisição.

UF	Região	Glifosato (sacas/litro)		Perda do poder de compra (b/a)	Adubo básico (sacas/tonelada)		Perda do poder de compra (b/a)
		2006/07(a)	2007/08(b)		2006/07(a)	2007/08(b)	
MT	Sorriso	0,39	0,59	49%	28,01	35,67	27%
	Lucas do R. Verde	0,38	0,51	32%	25,57	33,84	32%
	C. Novo do Parecis	0,39	0,55	42%	28,34	37,45	32%
	Rondonópolis	0,34	0,47	38%	23,85	31,94	34%
	Primavera do Leste	0,33	0,46	38%	21,92	26,43	34%
MS	Caarapó	0,27	0,43	60%	23,03	29,40	28%
	Maracaju	0,34	0,45	32%	25,90	34,07	32%
GO	Rio Verde	0,33	0,44	32%	21,54	27,42	27%
	Cristalina	0,30	0,42	38%	22,40	28,85	29%

Fonte: CNA/Cepea

METODOLOGIA

Ativos do Campo é o braço informativo do Projeto Campo Futuro. A metodologia utilizada para o levantamento das informações consiste na definição da propriedade típica e do sistema de produção em cada região de estudo. Técnicos e produtores locais formam um grupo de debate para construir um sistema de produção (a moda).

Juntos, elaboram uma planilha de custos de insumos e receita da faixa mais representativa dos produtores.

Além de descrever os coeficientes técnicos e econômicos da propriedade típica, o painel determina a estrutura organizacional da atividade. Com base neste levantamento, é feito o acompanhamento dos preços da

cesta insumos usada na produção, conforme a frequência e a sazonalidade de comercialização.

A pesquisa será realizada em 16 Estados, para nove culturas. Mais informações sobre a metodologia utilizada estão disponíveis no site da CNA. www.cna.org.br.

PRODUTOR DE SOJA PODE TER MAIS UMA SAFRA DE PREÇOS ALTOS

As cotações da soja na Bolsa de Chicago (CBOT) e também os valores de negócios para exportação (CBOT + prêmio) alcançaram os maiores patamares da história em novembro deste ano. Na Bolsa de Chicago, todos os vencimentos ultrapassaram os US\$ 11,00/bushel, ou seja, US\$ 24,30 a saca de 60 kg – situação vigente no final de novembro. Na mesma época, cálculos do Cepea mostravam que o valor FOB exportação para embarque em abril e maio de 2008, meses de pico na comercialização de soja no Brasil, estava acima de US\$ 24,00 a saca de 60 kg, valor também recorde.

A produção mundial de soja, na safra 2007/2008, deve diminuir 6,3% em relação

à temporada anterior, voltando aos volumes de 2005/2006. O consumo mundial, ao contrário, deve crescer mais 4%, reduzindo os estoques de passagem em 20,5%, segundo estimativas do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA).

O resultado de tal cenário têm sido recordes históricos de preços para a soja e derivados. De forma geral, além da maior demanda e da menor oferta, os preços da soja também encontram suporte nos efeitos indiretos do mercado financeiro e de outras commodities. Entre os derivados de soja, o óleo está com preços crescentes desde dezembro de 2005 na CBOT. Em novembro de 2007, pela primeira vez, os valores ultrapassaram os US\$ 1.000,00 a tonelada. As cotações do ,

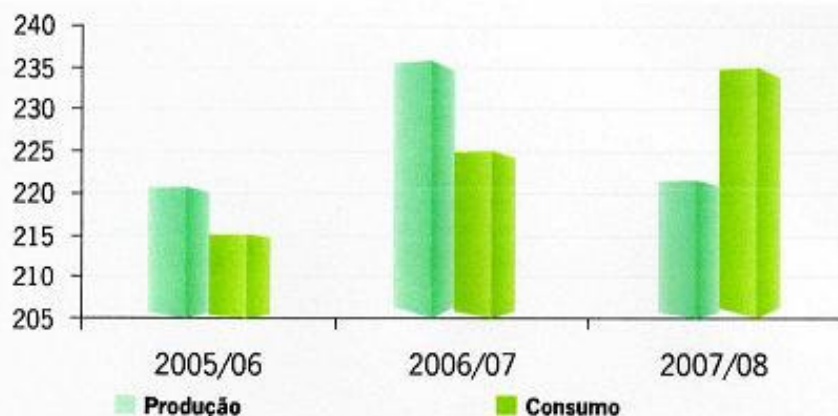
farelo, apesar de ainda não alcançarem recordes históricos, estão expressivamente altas para este período do ano – US\$ 320,00 a tonelada, contra US\$ 210,00 a tonelada em novembro de 2006, na CBOT.

No mercado interno, os preços da soja, em dólar, também são os maiores já registrados – o Indicador Cepea/Esalq do Estado do Paraná ficou na casa dos US\$ 24,00 a tonelada na segunda quinzena de novembro. O valor do óleo de soja está se aproximando do limite máximo alcançado em dezembro de 2002, acima dos R\$ 2.330,00 a tonelada. O farelo está quase nos patamares de 2004 – em abril daquele ano, as cotações ultrapassaram os R\$ 850,00 a tonelada. Os valores da soja, em reais, são os maiores dos últimos três anos – só não batem recordes históricos devido à valorização do real frente ao dólar. No balanço, a situação está favorável ao produtor brasileiro.

Os prêmios de exportação de soja para os embarques mais próximos estão positivos e, para embarque no período de colheita, são negativos. Os valores FOB exportação, no entanto, estão acima dos observados nos anos anteriores. Para o óleo de soja, há uma situação incomum de prêmios positivos – observados somente no final de 2006 e início de 2007 –, contribuindo para que o produto alcance valores históricos em dólar para comercialização em todo o primeiro semestre de 2008.

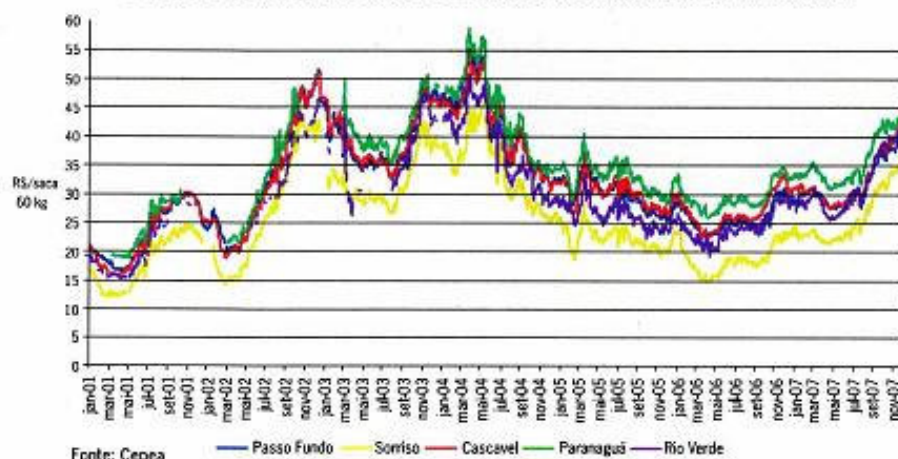
Muitos agentes acreditam em altas ainda mais expressivas das cotações internas e externas da soja nos próximos meses. Ainda depende, no entanto, entre outros fatores, da ocorrência de adversidades climáticas na América do Sul; do ritmo da comercialização da safra nos mercados brasileiro e norte-americano; de possíveis desvalorizações do real frente ao dólar e de uma maior demanda internacional por ativos agrícolas em função de agravamento da instabilidade no mercado dos Estados Unidos. Caso contrário, o movimento tende a ser de baixa.

Produção e Consumo Mundial de Soja - Safras 2005/06, 2006/07 e 2007/08



Fonte: USDA, Dezembro de 2007.

Evolução dos preços no mercado de disponível em regiões selecionadas



MARGENS ESTREITAS PARA O PRODUTOR DE ALGODÃO

A produção de algodão no Brasil está crescendo de forma expressiva devido à boa competitividade frente a outras commodities plantadas no mesmo período, além do bom desempenho da pluma no mercado internacional. Esse é o resultado dos ganhos significativos de produtividade da cotonicultura brasileira. Mesmo assim, os custos da lavoura são considerados altos por hectare, o que pode comprometer a rentabilidade da cultura. Somam-se, também, as margens estreitas, os investimentos em capitais específicos para o algodão (sunk costs) e a dificuldade para novos ganhos de produtividade agrícola, dado os elevados níveis já observados.

O alto custo e margens estreitas vêm sendo observados há algumas safras. No Mato Grosso, por exemplo, números comprovam esse cenário em todas as regiões pesquisadas. De forma geral, destaca-se o grande dispêndio com insumos (sementes, fertilizantes e químicos – herbicidas, fungicidas, inseticidas e adjuvantes), que representam mais de 55% do custo operacional. Essa participação, entretanto, vem se reduzindo a cada ano, devido principalmente ao menor gasto com químicos.

A valorização do real frente ao dólar é uma das explicações para tal comportamento, pois reduziu o preço das importações de

defensivos (produto técnico e formulado) e, conseqüentemente, o valor pago pelo produtor rural. A crise sofrida pelo setor em termos de rentabilidade em anos anteriores também pode ter influenciado empresas de insumos do setor a optarem por reduzir suas margens nas vendas, diminuindo o valor de venda ao produtor. Entretanto, a participação dos agroquímicos ainda é elevada e representa 33% do custo operacional das lavouras. Se for considerado somente o grupo inseticida, observa-se o comprometimento de 20% desse custo.

Nas três regiões do Mato Grosso do Sul analisadas pela CNA/Cepea, observa-se que Primavera do Leste tem custos maiores e, portanto, rentabilidade menor, tendo em vista as produtividades semelhantes entre as praças. Entre outros fatores, essa desvantagem está relacionada à maior infestação de pragas, por ser uma das regiões mais tradicionais em termos de plantio de algodão no Estado, pelo preço relativamente maior dos insumos, diferente do esperado dada sua localização, e pelo maior gasto nas operações mecânicas.

Também chama a atenção, no Mato Grosso, a maior rentabilidade obtida pelo algodão safrinha em relação à safra normal, nas duas últimas temporadas. Em Lucas do Rio Verde, onde se planta algodão somente

após a colheita da soja (safrinha), foi observado o menor custo por unidade de pluma. Contudo, comparando-se primeira e segunda safra, observa-se que os componentes de custos de produção apresentam praticamente a mesma participação, com exceção dos itens preparo do solo e plantio, que são menores na segunda safra.

Os dados apontam, de modo geral, que a margem do setor de algodão está ligeiramente acima dos custos operacionais. O quadro sinaliza que o produtor não está conseguindo pagar totalmente as despesas de custos fixos e variáveis da atividade, o que comprometeria a sustentabilidade do negócio no médio e longo prazos.

Na realidade, o produto brasileiro apresenta os maiores níveis mundiais de produtividade, ganhando espaço no mercado internacional. Neste cenário, se colocam para o setor alguns desafios, como aumentar a produtividade e/ou diminuir os custos, em especial os variáveis, para melhorar a competitividade e garantir a sobrevivência do setor num contexto internacional. Dessa forma, a administração eficiente dos custos deverá ser prioridade para os produtores brasileiros nas próximas safras, com o objetivo de manter a competitividade e a renda.

Custo operacional do algodão na safra verão 2006/07 no Estado de MT

	Lucas do Rio Verde		Campo N. Parecis		Primavera do Leste	
	R\$/Ha	Part (%)	R\$/Ha	Part (%)	R\$/Ha	Part (%)
Operações	514,92	14,21	527,58	15,51	570,13	15,40
Mão-de-obra	160,81	4,44	97,85	2,88	137,55	3,71
Sementes	90,09	2,49	54,00	1,59	73,45	1,98
Fertilizantes	747,80	20,64	801,03	23,55	635,80	17,17
Defensivos	1.246,82	34,41	1.100,91	32,36	1.316,54	35,55
Transporte e Armazenagem	391,29	10,80	386,88	11,37	468,45	12,65
Seguro	13,74	0,38	9,34	0,27	25,20	0,68
Demais itens de Custo	457,82	12,64	424,24	12,47	475,98	12,85
Custo Operacional	3.623,29	100,00	3.401,83	100,00	3.703,10	100,00

SOJA CONVENCIONAL FOI MAIS LUCRATIVA QUE TRANSGÊNICA NO MS

Os custos do produtor do Mato Grosso do Sul que apostou na soja geneticamente modificada foram superiores aos do produtor de variedades convencionais na safra 2007/2008. O motivo é que, em plantações transgênicas, o controle das plantas daninhas é feito, em geral, com duas aplicações de glifosato (pós-emergente), ao passo que a cultura convencional requer apenas uma. Assim, a alta de 46,2% registrada no preço do litro do glifosato, no Mato Grosso do Sul (média de Maracaju ou Caarapó), que passou de R\$ 8,00 para R\$ 11,63 o litro, na safra 2007/2008, gerou um acréscimo de 23% no dispêndio com herbicida em lavouras transgênicas e de

apenas 14,3% nas convencionais. Tal situação acarretou aumento de 7,5% do custo operacional da soja geneticamente modificada e de 3,8% da convencional, na safra 2007/2008, em relação à safra passada. Com essa evolução, o produtor do Mato Grosso do Sul passou a gastar praticamente o mesmo, em termos absolutos, para cultivar soja transgênica ou soja convencional. Desta forma, a tomada de decisão de plantar um tipo ou outro poderia ser balizada por critérios técnicos, como facilidade de controle de plantas daninhas, rotação de herbicidas e colheita da lavoura no limpo – itens que favoreceriam a transgênica. Mas, se o critério de decisão

for o retorno real do investimento, o resultado será ligeiramente favorável à soja convencional. Conforme cálculos do Cepea, para cada real investido, a produção convencional dá retorno líquido de R\$ 0,31 ou de 31%, enquanto a geneticamente modificada retorna R\$ 0,31 líquidos ou 30%, no Mato Grosso do Sul.

Caso a análise leve em conta o Custo de Oportunidade de uma variedade e outra, novamente o resultado econômico será favorável à soja convencional. A comercialização de cada saca de soja convencional deve dar ao produtor R\$ 0,27 a mais que o saldo obtido com a transgênica.

MILHO: ARMAZENAR FOI UM ÓTIMO NEGÓCIO

Boas notícias marcaram 2007 para os produtores que apostaram no milho. A produtividade foi a melhor já obtida na história da cultura e os preços, mesmo com o aumento da oferta, também tiveram reajustes consideráveis. O resultado foi uma boa rentabilidade para a safra de verão 2006/2007, após dois anos difíceis para essa cultura. Os produtores que comercializaram o milho, em março e abril, logo após a colheita, obtiveram receita líquida operacional positiva, o que significa que os desembolsos com a cultura foram cobertos na safra 2006/2007.

A análise de três regiões do Paraná e três de Santa Catarina mostra que a receita líquida operacional, para a venda naquele período, variou entre R\$ 4,50 e R\$ 6,60 por saca. Apesar de ser um bom resultado, se torna modesto quando comparado ao obtido por aqueles que optaram – e tiveram condições para tal – por armazenar o grão para vendê-lo em novembro.

No Paraná, mesmo considerando as despesas de armazenagem (R\$ 0,30/saca/mês) e taxa de juro de 0,5% (poupança) sobre o capital investido, a receita operacional líquida aumentou 28% em comparação a que seria gerada em

março/abril. Em Santa Catarina, a diferença positiva ficou entre 23% e 27%. Nesse mesmo período, as cotações da commodity valorizaram 51% no mercado de balcão e 57% no mercado de lotes, gerando esse resultado.

Custo operacional do milho na safra verão 2006/07 - Paraná e Santa Catarina

Itens de custo	Londrina	Cascavel	Guarapuava	Campos Novos	Chapecó	Xanxerê
	R\$/Ha	R\$/Ha	R\$/Ha	R\$/Ha	R\$/Ha	R\$/Ha
Operações	214,19	198,62	237,06	225,20	363,06	215,81
Mão de obra	23,17	26,07	35,08	44,45	33,19	27,18
Sementes	192,00	175,62	252,00	216,00	216,00	228,00
Fertilizantes	505,18	445,76	615,31	516,33	562,00	616,00
Defensivos	167,01	157,23	186,49	197,70	205,15	222,90
Transporte e Armazenagem	86,40	101,24	105,00	140,00	91,00	101,50
Seguro	8,69	11,82	13,18	14,15	19,27	16,22
Demais Itens de Custo	116,09	137,36	214,20	170,99	117,44	138,23
Custo Operacional	1.312,73	1.253,72	1.658,32	1.524,82	1.607,11	1.565,84
Custo Operacional/Saca	10,94	8,67	11,06	10,89	12,36	10,80
Preço médio (Mar/Abr/07)	15,50	15,30	15,80	17,20	17,00	17,00
Receita Líquida Operacional (R\$/vc)	4,56	6,63	4,74	6,31	4,64	6,20

Fonte: CNA/Cepea

Variação da receita líquida do milho em relação à venda em março/abril

	Londrina	Cascavel	Guarapuava	Campos Novos	Chapecó	Xanxerê
Junho	-7,4%	-7,7%	-9,0%	-4,2%	-7,2%	-7,2%
Julho	-13,5%	-14,7%	-14,9%	-9,5%	-10,8%	-10,8%
Agosto	0,2%	0,3%	-1,4%	-1,5%	-5,5%	-5,5%
Setembro	16,1%	15,8%	15,8%	15,9%	10,3%	10,3%
Outubro	12,5%	12,1%	11,2%	15,9%	18,3%	18,3%
Novembro	28,3%	28,7%	26,7%	27,4%	23,3%	23,3%

Fonte: Cepea

PREÇOS DO MILHO SÃO RECORDES NO MERCADO INTERNO

As cotações de milho no mercado externo estiveram em alta de outubro de 2006 até o primeiro trimestre deste ano, sustentadas pela maior demanda norte-americana para a produção de etanol e também pela possibilidade de oferta insuficiente. Assim, houve elevação da paridade de exportação do grão brasileiro, dando suporte aos preços no mercado interno.

Sob influência desse fundamento, ainda na safra de verão 2006/2007, produtores intensificaram os investimentos na cultura, mantendo também bom nível tecnológico no plantio de milho segunda safra (safrinha). Somando as safras de verão e de inverno, a produção e a produtividade no Brasil foram recordes. O mercado de milho tem caminhado para mudanças de preços relativos, sendo direcionado para novo patamar de equilíbrio de oferta e demanda. Chamam a atenção as variações de preços nos

mercados interno e externo, nos últimos meses. Entre março e novembro de 2007, as cotações do primeiro vencimento da Bolsa de Chicago (CBOT) desvalorizaram 9%. No mesmo período, houve valorização de 51% no mercado de balcão e de 57% no de lotes no Brasil. Os preços do milho podem se tornar ainda mais altos. Entre os fatores que poderão confirmar esse cenário estão o clima desfavorável ao longo da safra de verão no hemisfério sul; aumento nas demandas interna e externa; crescimento dos setores de aves e suínos; restrição de vendas por parte de produtores durante o período de colheita; desvalorização do real frente ao dólar; continuidade das instabilidades no cenário financeiro mundial, levando a uma maior atuação de investidores nos mercados de commodities; além de problemas com a safrinha que começa a ser plantada em janeiro.

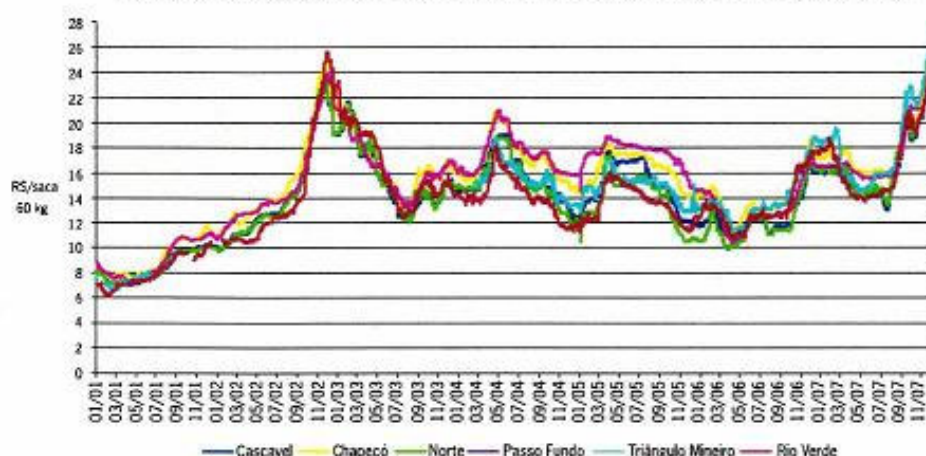
EXPORTAÇÃO DINAMIZA MERCADO DA PLUMA

A safra 2006/2007 de algodão em pluma alcançou volumes recordes. Foram produzidas 1,5 milhão de toneladas de algodão em pluma, com aumento de 44,5% em comparação ao período anterior. Com o avanço da colheita, cujo pico ocorre em junho, os preços foram cedendo ligeiramente e seguem estáveis desde meados do ano, oscilando em função apenas da demanda diária.

A estabilidade dos preços estáveis é favorecida pelos patamares vigentes das paridades de exportação e importação. A paridade de importação, que determina o máximo de preço no mercado interno até compensar a compra de produto externo, opera acima de R\$ 1,46 por libra-peso desde outubro. Mas a paridade de exportação, que determina o mínimo de mercado interno até que compense exportar, operou ligeiramente acima de R\$ 1,00 por libra-peso durante todo o segundo semestre de 2007.

Tal quadro demonstra que a venda no mercado interno se mantém mais vantajosa que a exportação. Um dos motivos para que os produtores continuem exportando é que a demanda interna absorve apenas dois terços da produção brasileira, sendo imprescindível a busca por novos mercados. Outro fator que colaborou foi a intervenção oficial. O Governo ofereceu um Prêmio Equalizador pago ao Produtor (PEPRO) para 729 mil toneladas – 48% da produção doméstica –, sendo que o produtor poderia comercializar a pluma nos mercados interno ou no externo.

Evolução dos preços no mercado de balcão em regiões selecionadas



Fonte: Cepea



ATIVOS DE GRÃOS é um boletim trimestral elaborado pela Superintendência Técnica da CNA e Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - Cepea/Esalq - da Universidade de São Paulo. Reprodução permitida desde que citada a fonte.



CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL
SGAN - Quadra 601 - Módulo K
70.830-903 Brasília - DF
Fone (61) 2109-1458 Fax (61) 2109-1490
E-mail: cna.sut@cna.org.br
Endereço na Internet: www.cna.org.br